

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LITERATURA BRASILEIRA E  
HISTÓRIA NACIONAL**

**DANIELE ULBRICH DE OLIVEIRA**

**A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO NAS OBRAS ANGÚSTIA E A HORA DA  
ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR**

**MONOGRAFIA ESPECIALIZAÇÃO**

**CURITIBA**

**2012**

DANIELE ULBRICH DE OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO NAS OBRAS ANGÚSTIA E A HORA DA  
ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR**

Monografia apresentada ao programa de Pós Graduação em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica do Paraná como requisito parcial para o título de especialista em Literatura Brasileira e História Nacional.

Área de Concentração: Literatura e História

Orientador (a) Naira Nascimento

CURITIBA

2012

## DEDICATÓRIA

A Pamela Graciele Mayer e Rodolpho Luís pelo incentivo em minha educação formal.

## AGRADECIMENTOS

Reverencio a professora doutora Naira Nascimento, pela dedicação e orientação desse trabalho.

Agradeço também a todos os demais professores do curso de Literatura Brasileira e História Nacional, pelo incentivo e pelos conhecimentos proporcionados.

Aproveito para agradecer pelo apoio de meus amigos e familiares.

## RESUMO

A proposta de pesquisa deste trabalho se detém em estudar as obras *Angústia* de Graciliano Ramos ( 1936) e *A hora da estrela* ( 1977) de Clarice Lispector. O estudo pretende buscar reflexões sobre a questão do outro presente nas obras, de como o retirante era representado e qual era seu papel na sociedade, sendo ele um nordestino. Procura observar como o narrador percebia o outro na obra num período em que havia preconceitos com personagens que poderão ser observados nesses romances, e como o protagonista agia diante desse universo.

Para que o trabalho seja sustentado, recorre-se a autores como Luís Bueno, Lucia Helena, Fernando Gil , Eliane Campello e Suzi Sperber.

**PALAVRAS – CHAVE:** o outro–Nordeste – Angústia – identidade – Graciliano Ramos- Clarice Lispector.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8-11
2. A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO NO ROMANCE <i>ANGÚSTIA</i> .....	12 - 20
2.1 A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO NO ROMANCE <i>A HORA DA ESTRELA</i>	20-28
2.3 O ROMANCE <i>ANGÚSTIA</i> E <i>A HORA DA ESTRELA</i> .....	29-30
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31

## 1. INTRODUÇÃO

A partir da leitura dos romances *Angústia*, de Graciliano Ramos, e *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector, verificou-se que a representação do outro toma formato distinto daquele trabalhado pelo romance de 30 de forma genérica. Enquanto esses retrataram seus protagonistas com certa dose de paternalismo, nos textos de Graciliano Ramos e Clarice Lispector o que se destaca é sobretudo a rudeza e o questionamento sobre esse “outro” de que falam. De acordo com tal premissa, o presente estudo propõe-se a analisar a representação desse outro.

Pretende fazer uma relação do conceito do outro abordado pelos críticos Lucia Helena, Fernando Gil, Luís Bueno, Alfredo Bosi e Suzi Sperber, com a perspectiva de Graciliano e Clarice em relação ao nordestino que podem ser observadas durante a narrativa da obra. O estudo busca fazer um levantamento sobre essas representações para que se possa entender como era visto o indivíduo através da visão do intelectual em que a obra foi escrita, como ele era observado na sociedade, sua maneira de agir, sua linguagem, suas origens.

*A hora da estrela* foi uma obra publicada em 1977. Conta momentos da criação de Rodrigo S.M, narrando a história de uma nordestina, órfã, virgem e que não encontrou seu lugar no mundo. Macabéa, a protagonista, é vista pelos olhos do narrador, o qual acredita que ela não tem voz na sociedade e não tem consciência de sua existência. O romance de Clarice Lispector aborda temas voltados para a existência humana e para a morte. Rodrigo, durante a narrativa, se vê em Macabéa, mas, ao contrário dela, ele espera pela vida, e ela vive em seu cotidiano medíocre, solitária, ouvindo a rádio relógio. Abrange fatos como a literatura, a lei, a gramática, o casamento, o ego, a sexualidade, a vida, a morte. Pode ser notado que o narrador Rodrigo é um narrador- personagem, ele escreve para ser entendido, em relação a Macabéa. Tem certa paixão por ela, embora levante interrogações sobre a sua existência, o que será observado mais adiante.

A história narra a vida de uma nordestina, que Rodrigo viu de repente na rua, e contrastando sua perspectiva com a de outros personagens.

*Angústia*, por sua vez, aborda a história do protagonista, Luís da Silva, um homem solitário e tímido. A obra trata de questões psicológicas como obsessão por

limpeza, repressão sexual, por meio de um monólogo interior. O romance tematiza a inferioridade do homem e seu drama vivenciado na sociedade, representação assim do outro que é o foco desse trabalho, pois é necessário que se sustente o drama vivido por Luís. O livro vai trabalhando com situações da infância que o personagem leva para a vida adulta e que se torna um pesadelo. Verifica-se a interpretação de fatos passados com fatos presentes, presenciando-se aí um momento nostálgico que pode ser observado na passagem:

“volto a ser criança, revejo a figura de meu avô, Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, que alcancei velhíssimo. (...) E eu andava no pátio, arrastando um chocalho, brincando de boi. Minha avó, sinhá Germana, passava os dias falando só, xingando as escravas que não existiam”. (RAMOS, 1936, p. 11).

Para que possa entender a maneira como Luís age diante das circunstâncias é necessário que o estudo venha a abranger questões da infância, pois assim há comprovações do porque de Luís ser observador e crítico com a sociedade em que está inserido, além do crime que virá a cometer.

Vários estudiosos já se debruçaram sobre esses textos e ofereceram leituras sob inúmeras perspectivas. Foram selecionados alguns desses estudos para nortear esse estudo.

Lúcia Helena, sobre a obra *Angústia*, de Graciliano Ramos, abordou a construção em abismo vista na narrativa que será observada adiante. Sobre a obra, Lúcia comenta: “Romance excessivo”, contendo a um só tempo as “ partes gordurosas e corruptíveis” e os trechos mais fortes do autor”. *Angústia* se inscreve no conjunto da nossa ficção, marcado pela contradição. Segundo a autora, esse romance de Graciliano Ramos distancia-se das temáticas tratadas tanto em *São Bernardo* como em *Vidas Secas*, seus romances mais defendidos e mais próximos da produção do romance de 30.

Já o teórico Fernando Gil ( 1999) tem outra abordagem a respeito da obra. Ele comenta que, para os teóricos, *Angústia* pode ser analisada tanto de cunho sociológico quanto de cunho psicanalítico. Observando por esse ponto de vista, a obra pode ser considerada na relação que ela tem na sociedade brasileira, no sentido de privilegiar os problemas entre a obra e o sujeito.



Valendo das palavras de Luís Bueno (2006), *Angústia* ocupa lugar único na obra de Graciliano Ramos, e, com o passar dos anos, o julgamento das críticas e do próprio autor se tornou variado. Essa variação ocorreu pela tradição que tem o romance no decorrer do século XX, pois trabalhou com aspectos voltados para psicologia que está ligada à vida social, e essa questão pode ser bem observada durante o romance.

Em relação ao romance *A hora da estrela*, o trabalho se sustenta nos estudos de Suzi Sperber (1983), para a autora não é fácil escrever sobre Clarice Lispector, pois há muitos aspectos a serem observados, como a palavra em si, a introspecção e os aspectos filosóficos contidos no texto da autora. Há personagens desprezíveis, ou que se confrontam com essa questão e da pobreza. O que poderá ser observado na análise do romance mais adiante.

É de extrema importância abordar sobre a questão regionalista quando se depara com duas obras dessa natureza.

Segundo Ligia Chiappini (1994) assim como o modernismo, o regionalismo, trata de manifestações específicas, em literatura, de uma problemática mais geral da cultura, da política e da organização da sociedade como um todo, de uma sociedade que sofre o grande impacto da modernização. Consequentemente, aparece o regionalismo que entra como movimento compensatório em relação ao novo, o regionalismo surge como meio de expressar o interior. Pode-se lembrar de Alencar que aborda em suas obras os diferentes brasis: o do índio (mítico), o da cidade e o do mundo rural (históricos). É importante ressaltar que, na literatura brasileira, a contestação regionalista faz-se romper totalmente com o nacionalismo romântico – idealista de Alencar, dividida entre a ênfase na região e o desejo de contribuir para um nacionalismo supostamente mais autêntico, a partir e através da região. O projeto de Alencar era que houvesse complementaridade do Centro do Norte e do sul, que seriam conjuntos de romances urbanos e regionais. Depois, têm-se os romances de Távora, que abordam sobre a seca e o herói – bandido, que depois irá voltar em outros escritos de romances brasileiros. Távora então abre espaço para um ciclo temático relativo à seca e ao banditismo.

Antes de Alencar e Távora, coube ao Visconde de Taunay inaugurar o sertanismo, enfatizando o romance *Inocência* (1872), um romance valorizado porque foge do sentimentalismo. Aborda sobre a história do homem na trama amorosa

aparentemente simples, fica a história da ficção do homem no oeste e a descrição do cerrado com seu solo arenoso, seus boiadeiros sitiantes. Tematiza sobre o homem pobre que nele vive, ama e trabalha. Pode-se dizer que o sertanismo é apenas uma das facetas da ficção que, desde o romantismo; tenta apanhar o homem, a paisagem, os costumes, o linguajar e a cultura rurais.

As razões históricas explicam porque o regionalismo surgiu mais cedo e com força no Norte e no Sul do país. Quanto ao Rio Grande do Sul, há ainda a considerar o isolamento em que viveu e as sucessivas guerras que o marcaram. Passou por um século e meio de guerras intermitentes.

Analisando sobre o período pré-modernista, há dois romances a serem lembrados, que têm em comum com o tema da seca nordestina e a presença forte da mulher sertaneja *Luzia – Homem* (1903), de Domingos Olímpio, preso aos moldes naturalistas. Contudo perde para o romance de Manuel de Oliveira Paiva, *Dona Guidinha do Poço*, publicado em capítulos na revista brasileira. De modo geral, o romance tende a marcar a inferioridade do homem interior, atrasado e inculto, diante do escritor civilizado e cidadão. Acompanhando essa linha de raciocínio Antonio Candido identifica no regionalismo brasileiro, oscilante entre ser potencialmente “instrumento de descoberta e autoconsciência do país” ou ideologia que mascara as condições de dominação do homem pobre do campo (CHIAPPINI, 1994,p.684).

As questões do enfrentamento de culturas se baseiam também no caso do regionalismo brasileiro e vem implicada na forma como os escritores trabalham a assimetria entre o seu universo de valores, e a sua linguagem e valores do homem rústico que querem representar. Trata-se de escritores de origem rural, mas que conservam relações com o interior, e mantêm suas raízes e as tradições populares que a sociedade costuma oferecer, procuram assim aproximar às suas origens o homem pobre do interior.

Em suma, pode-se dizer que o regionalismo continua como uma categoria válida para entender a literatura dos países subdesenvolvidos. E segundo Antônio Candido (1972), que enquanto houver subdesenvolvimento, haverá novas aparições desse fenômeno literário que manifesta, a seu modo, contradições, ressentimentos e desigualdades apanhadas de outra forma pelo discurso e pelas lutas políticas

## 2. A representação do outro no romance *Angústia*

Publicado em 1936, *Angústia* é o terceiro romance de Graciliano Ramos. Surgiu quando o escritor encontrava-se preso pelo regime varguista.

O romance envolve questões de fluxo de consciência, além de histórias que se inclinam para questões existenciais. Há também a questão da animalização do homem, o narrador não quer ser um rato; luta o tempo todo contra isso, faz observações sobre os homens e os compara com animais.

Segundo Alfredo Bosi (1988), Graciliano Ramos possui um vocabulário restrito. A chave do realismo crítico encontra-se analisando o seu distanciamento, conhecida por dentro os entraves da vida rústica nordestina, sabe dar as folgas simbólicas dos retirantes o seu verdadeiro nome de ilusórias consolações. Graciliano é um prosador que se dá de corpo e alma às sensações do mundo e de suas criaturas.

Luís da Silva, vindo do interior para capital, em seu cotidiano medíocre (como ele mesmo descreve), escreve para o jornal, é funcionário público. Considera-se um intelectual fracassado num mundo sem lugar na prateleira de heróis, não progride nem na sua vida profissional, nem na sua vida afetiva, considerando-se um fracassado, mantendo um noivado prolongado com Marina que se interessa por outro homem. Conseqüentemente, o protagonista viverá uma tortura.

Luís está inserido num mundo coberto pelo dinheiro, Marina o deixa e se interessa por Julião Tavares, que possui cacife para dar a ela tudo o que deseja. Com esses fatos, Luís se vê impossibilitado de conviver com sua rotina sem novidades, e seus ciúmes são crescentes, que impelindo-o ao crime. Aí ocorrem prisões interiores, marcadas pela vivência pessoal da personagem e o mal-estar de sobreviver em sociedade da qual se sente excluído.

Luís acompanha a vida de Marina, conseqüentemente o ódio de Tavares cresce mais, e pensa que somente a morte daria fim aquele suplício. No caso seria a morte do próprio, pois ele seria tudo aquilo que Luís não poderia ser. Assim seu drama anterior cresce, sente-se diminuído diante da prepotência de Julião Tavares e enquanto a angústia o alucina, não tem condições de raciocinar claramente, mas percebe que a morte é a solução. Há nesse momento da narrativa um processo de construção. Luís se

vê no momento do assassinato como seu instante de autoestima, de realização pessoal, tornando-se o herói do seu próprio relato. Contudo, no fim do romance, Luís da Silva imerge em uma angustiante crise psicológica que o comprime e faz dele um ser alucinado e preso a um mundo sem saída.

Nesse romance, a história encerra como começou, numa narrativa circular. Há o fluxo de consciência, Luís mistura fatos passados com presentes.

Para que se tenha um entendimento mais aprofundado de *Angústia*, é importante se deter na questão sobre o existencialismo, que está presente na obra, uma corrente filosófica e literária que destaca a liberdade individual, a responsabilidade e a subjetividade do ser humano, e define que cada homem é responsável pelos seus atos. No romance, Luís enxerga a vida como uma série de lutas, e é forçado a tomar decisões e geralmente as escolhas são ruins.

*Angústia* também trabalha com questões de erotismo e sexualidade, e uma explicação para isso tem a ver com a consciência deturpada de Luís da Silva. Essas questões sexuais podem estar relacionadas à infância, à segregação imposta pelo pai, à solidão em que se desenvolveram os sonhos e os germes da inadaptação. O sexo reprimido traz consequências, Luís tem a obsessão da intimidade dos outros, fareja safadezas, vê em tudo manifestações eróticas e vestígios de posse.

Segundo Luís Bueno (2006), diferente de outros romances de Graciliano Ramos, *Angústia* manifesta o monólogo. O devaneio assume valor onírico e o livro parece ser horas de um longo pesadelo *Angústia* é um romance autobiográfico, que se junta com experiências cotidianas, construindo assim o fluxo da vida interior. Cada acontecimento é um estímulo para Luís da Silva repassar teimosamente fatos e sentimentos da infância e da adolescência, que pesam na sua vida de adulto como seu modo de ser.

O romance é o mais complexo de Graciliano Ramos. Pois, como foi dito anteriormente, é a história de um homem frustrado, tímido e solitário que vive num mundo com o qual não se identifica. É produto de uma sociedade em decadência, alimenta um nojo impotente dos outros e de si mesmo. Graciliano Ramos trabalha o aspecto fantasmagórico tomando a narrativa voltada para a psicologia. Aqui a psicologia

não se separa da vida social, tem-se um recalque social na crise psicológica que leva Luís da Silva a matar Julião Tavares.

Lúcia Helena Carvalho (1983) chamou atenção sobre a participação inteira de Graciliano Ramos “a narrativa circula sempre em torno do mesmo motivo”. A relação de Luís da Silva é mais aguda do que para João Valério e Paulo Honório. Luís representa o final melancólico de uma família, João se tornou sócio e Paulo subiu dentro de uma ordem. Luís da Silva é diferente deles, porque há um passado familiar, universo edificado pela memória como um espaço de conciliação possível. O passado permite apagar o outro porque remete a uma ordem em que tudo está em seu lugar e, portanto, não há infelicidade.

Para Luís, não havia porque haver dor humana a não ser a própria. Como ele conseguiria viver com inferioridade? Enquanto está em casa ele dedica-se à observação dos outros. Pode ser que Luís projete em outras personagens suas tristezas. Luís mantia-se como narrador, era o único de hábito. Ser espectador para Luís é visto como incômodo. O desejo de isolamento se liga as características psicológicas muito marcantes de Luís; uma delas é a mania de limpeza.

No segundo capítulo, ele manifesta desejos de fugir: “ se pudesse abandonaria tudo e começaria as minhas viagens”, ( Ramos, 1936, p.9) Contudo ele pensava: “Quem foge não pode observar”. O que ele queria era isolamento ligado aos outros. O que ele almejava não era a solidão, observar a vida dos outros faria com que ele participasse daquelas vidas. Aí entra a ordem da infância: sua brincadeira na chuva só pode ser alegre ao se isolar dos outros. Inicia-se o processo na vida adulta, todos representariam para ele o papel do outro, de modo nunca haver identidade possível mesmo com amigos. Desde a infância, ele era um menino sozinho:

Fui sentar-me numa prensa de farinha que havia no fundo do nosso quintal. Tentei chorar, mas não tinha vontade de chorar. Estava espantado, imaginando a vida que ia suportar sozinho neste mundo. ( RAMOS, 1936,p.17)

Luís não era notado pelas pessoas, isso se assemelha à história de Macabéa que será observada mais adiante.

Quando inicia o namoro com Marina, Luís inicia a adaptação na ordem diferente daquela de sua infância. Luís estava numa posição confortável em Macéio, mas não era grande coisa na sociedade. Luís além de crítica literária escrevia para políticos. Não estava por cima nem por baixo. Isso aquietava seus desejos sexuais. Casando ele poderia abandonar uma ordem interior e dar origem a uma nova ordem. Casando com Marina poderia estar em outra posição. Logo procura um contato mais físico com Marina (RAMOS, 1936, p. 84)Pensa em casar, a instabilidade não o perturba, pensa no brilho do futuro, sem qualquer interferência do passado. Marina se derrete para Julião Tavares o que faz com que sua ordem se abale.

O passado de Luís volta com ele, de forma remota quando o faz pensar em sua estabilidade. A passagem a ser observada reafirma a mania de limpeza e escolha pelo assassinato, como deveria matar Julião Tavares (a volta a velha ordem): “Não tinha medo de cadeia, se me dessem água para lavar as mãos” ( Ramos, 1936, p. 156).

Percebe que as coisas continuariam calma na rua e sua vida continuaria a mesma, matar Julião Tavares seria inútil porque não iria interferir na ordem presente. Mesmo matando Julião, ninguém percebe, continuaria invisível. Afirma então, que não pertenceria a ordem nenhuma. Quando Luís assassina Julião Tavares ele se eleva pelo crime, somente nesta ordem, quando roubava não. Luís matou Rubião mas não matou a nova ordem e nem restaurou a antiga. Esses personagens possuem sonhos, Luís sonha em ganhar na loteria ( vive nas duas ordens).

Voltando a questão da representação do outro, para Luís todos são o outro. No momento do assassinato Luís da Silva o evoca com insistência, operando a velha ordem, em que o outro não exista. Julião Tavares seria o outro oposto. Luís não conseguia fugir da razão do outro, sem compaixão de Julião Tavares. “O que vi foi o corpo de Julião Tavares. Não caí. Escorreguei na madeira molhada, abracei-me a ela”. ( Ramos, 1936,p.198).

Todos são os outros, e o invadem a todo o momento. Luís é um observador obsessivo, o outro o invade e ele sabe o que se passa com todos. E qualquer forma de identificação com o outro é frustrada. Todos compareciam à sua vida, isso o perturba.

Luís para conservar Moises como amigo devia permanecer na primeira ordem, em que todos eram propriedade do velho Trajano. Impossível compreender o outro,

quando rouba dinheiro de Vitória, agiu conforme seus interesses. No fim ele fez Vitória o mesmo que Julião fizera com ele, levou o desespero e uma ordem sossegada. Em relação à Maria e Julião o outro é inabordável para qualquer um.

Segundo Luís Bueno (2006), Luís obrigou-se a viver as duas ordens diferentes. Apesar de viver na marginalidade essas múltiplas vivências, ao contrário do que poderia supor não o fez compreender melhor o outro porque revelou esse outro como um universo complicado demais. A abertura resultou num fechamento em seu desejo de afirmação porque permitiu uma invasão maciça do outro na sua vida que o impedia de reduzi-lo ou afastá-lo

Na prosa há a presença de questões novas e complexas. Um dos exemplos são os heróis problemáticos. A obra *Angústia* configura um novo conteúdo que se

expressa por uma acentuação dramática das paredes do “pequeno mundo”, do cárcere da solidão e impotência em que está encerrado o homem brasileiro”. Em consequência, as ações do protagonista Luís da Silva vão manifestar o seu constante caráter ambíguo ao se fazerem num mesmo tempo degradadas e autênticas. (Gil, 1999, p. 65)

Essa questão se remete ao assassinato de Julião Tavares por Luís da Silva. Numa sociedade assim marcada pela degradação do caráter puramente negativo e inessencial, essa degradação está associada a aspectos de solidão do herói, de sua impotência, de seu desligamento da vida social e de seu egocentrismo, aí se dá o gesto assassino do protagonista que o leva agir dessa forma devido sua insatisfação em face do real alienado, sua busca desesperada pela realização individual verdadeira.

Luís da Silva pode ser considerado como típico representante da classe média brasileira, é considerado dessa forma, pois há um manifesto todo voltado para o individualista. Aí se pode dizer sobre as técnicas de vanguarda empregadas por Graciliano Ramos. Cabe assim dizer que em *Angústia*, o monólogo interior é sempre um instrumento do realismo, acentua-se a realidade para melhor poder narrar, tem-se então a narração centrada no eu, situado - o na vanguarda da ficção contemporânea.

A autora Lúcia Helena (1983) faz a leitura de *Angústia*, voltada para ideia de construção em abismo, que seria um elemento de duplicação interior, uma espécie de história dentro da história, que produz um jogo de reflexo dentro da narrativa. Na obra o

desdobramento infinito e repetição conjugados processam o adentramento vertiginoso que instaura a virtualidade significativa que entende-se por abismo.

Segundo Carpeaux e Alvaro Lins (1968), em *Angústia* é percebido a consciência do eu como indivíduo: eu / outro, e valores culturais sociais: outro/ mundo. É um romance subjetivista, se dá por processos mentais, sentimentos de impotência, há a relação entre presente e passado, e o surgimento do passado no presente. Há também a impossibilidade de formular uma visão do outro no presente. Existe imobilidade em toda narrativa.

No romance surpreende-se o processo de desintegração agressiva do eu. O sujeito vê no outro o seu próprio eu. Segundo Freud esse processo seria o reconhecimento do eu, que daria a origem de uma “estranha inquietude” (1983)

Segundo nos ensina Freud, ao estudar a origem da sensação de “estranha inquietude”. Reconhecer o eu numa imagem imprevista é acontecimento capaz, por si só, de deflagrar o angustiante sentimento, nascido da desconfiança, onde o que se tomava por fantástico se oferece como real, e onde o simbólico toma a importância à força do simbolizado e assim por diante. (HELENA, 1983, p.61)

Percebe-se que a “estranha inquietude” observada em Freud, seria um sentimento particular vivido pelo personagem de *Angústia*, está ligado a questões familiares, ao novo, ao oculto. Essa percepção relaciona-se a tudo aquilo que deveria se manter secreto, contudo se manifesta. A existência de Luís da Silva é pura inquietação: lembranças e visões de perseguição, tortura, crime, cenas de humilhação e decadência, luta contra a própria existência : “o meu desejo era desligar-me daquela gente, passar calado, carrancudo, as mãos nos bolsos, o chapéu embicado” (Ramos,1936,p. 88)

Em *Angústia* há a questão zoomórfica, que se dá pela metáfora (ratos). Luís manifesta o prazer invejoso em contemplar como rato encolhido o seu rival, quando observa capitalistas, negociantes e políticos. Em seu interior, busca de certa forma ser como essas peças, busca um ideal de realização, contudo a partir do momento que ele manifesta esses sentimentos, esses homens são “monstros” que manipulam “dinheiro” e propriedades. Contaminado por sentimentos de agressividade, afirma que não é rato e que não quer ser rato, mas em seu íntimo, o sujeito desejaria alcançar a felicidade burguesa.



Luís possuía muitos conflitos que estão relacionados com sua aparência exterior, se achava feio. Mais do que uma criatura real dentro da intriga, o outro deve ser entendido como sensação angustiante de ameaça que obstrui a realização de um projeto amoroso. Aí entra a questão do tema freudiano do Édipo, pois houve um distanciamento afetivo em relação ao filho Luís com seu pai, que envolve um sentimento perturbador e de remorso que está ligado ao pai. No velório de Camilo Pereira, percebe-se que o filho não sofre por não reconhecê-lo:

Eu não podia ter saudades daqueles pés horríveis, cheios de calos e joanetes. Procurava chorar – lembrava-me dos mergulhos no poço da Pedra, das primeiras lições do alfabeto, que me rendiam cocorotes e bolos. Desejava em vão sentir a morte de meu pai. Tudo aquilo era desagradável. – Isto é um cavalo de dez anos e não conhece a mão direita (RAMOS ,1936, p. 29)

Essa questão de pai e filho acompanhara o menino durante sua existência, criando nele sentimentos de insignificância, impotência e desamor pelo próprio *eu*. E como não houve identificação com o pai, conseqüentemente gerou no filho insegurança afetiva, a rejeição materna, que traduz a imagem desagradável e hostil com que a mãe o marcou:

o que nessa figura me espantava era a falta de sorriso. Não ia além daquilo: duas pregas que se fixavam numa careta, os beiços quase inexistentes repuxando-se, semelhantes às bordas de um caneco amassado. (RAMOS, 1936, p.77)

O complexo de bastardia foi responsável pelas relações conflitantes com o outro repousam na experiência do fracasso amoroso, na rejeição de Marina:

Não trazia o relógio nem o anel que eu lhe tinha oferecido na véspera. Isto me desapontava, arrancava-me pragas e insultos, que eu engolia com medo de praticar uma violência – ‘ Ordinária! (RAMOS, 1936, p.97)

Voltando à questão de zoomorficação, e esse projeto estão relacionadas à questões da individualidade do sujeito , quando Luís se declara rato, ele vê o outro na sua superioridade como gato, e possui sentimentos de admiração e inveja. Para que ele se veja como gato, precisa fazer um projeto que se iguale ao outro: “Por sua vez, quando Luís da Silva se declara um rato, ele está conseqüentemente vendo o *outro* em sua ameaçadora superioridade de gato: “Julião Tavares”.” (RAMOS, 1936, p. 79)

Luís se isola ao enfrentar os outros, se isola do mundo, sai de casa para o quintal, exclui-se do ambiente familiar e inclui-se no universo imaginário. Nas leituras que faz em seu quintal, faz semelhanças com as suas e se identifica, é uma identificação desejada com o outro. Luís sofre a perseguição fantasmagórica, despreza desejos (tudo o que tem a ver com a realidade), quebra a ilusão do real (ilusão/ realidade) desejo de reconhecimento com o outro, busca obsessiva pelo outro, afirmação da identidade. (RAMOS, 1936, p.103).

Segundo Lacan o desejo aponta no homem o que nele há de essencial – a ausência podemos então concluir, que em *Angústia*, o desejo de poder aponta para a identidade ausente do eu, identidade que somente se afetiva pela morte do pai. O sujeito somente se afirma como mesmo na relação com o outro. Na morte encontra-se a identificação do eu, segundo Sarah Konfman, comentou:

Assim como entre os ‘ primitivos ‘ o narcisismo primário se caracteriza sobretudo pela busca da imortalidade e da auto- suficiência absoluta, quer dizer, pelo desejo de ser por si mesmo seu próprio genitor, de ser causa sui. O artista é este herói, tão admirado pelos homens, porque soube ‘ matar ‘ o pai; a busca da imortalidade e a de ser causa primeira são correlatas uma da outra: ambas visam a fazer do homem um Deus, o que equivale dizer, a substituir o pai. ( KONFMAN apud HELENA,1983,p. 104)

É essencial dizer então que a identidade do sujeito só será manifestada em sua relação com o outro. Através da morte do outro o sujeito conseguirá alcançar sua identidade pura. No livro, Luís da Silva tenta reconstruir sua imagem, desfazendo-se dos fantasmas substitutivos do Pai. Afim de alcançar sua autêntica identidade.

O autor Luís Bueno (2006), em seus estudos, aborda sobre a figuração do outro: o proletário e em suas indagações questiona Graciliano Ramos: “por que o autor de *Angústia* preferiu trabalhar com personagens da pequena burguesia ou até mesmo com um proprietário de terras ao invés de mergulhar sua literatura na vida do proletariado? Resposta que pode ser encontrada numa passagem de “ O anjo” , quando voltara para a fazenda dos pais, o herói reencontrara a miséria do povo do lugar e resolvera.

Mas o que importa aqui é abordar sobre o outro, como falar em nome do outro, ou mesmo para o outro? Quem escreve o romance de 30 não vem das camadas mais baixas da população e, ao tratar da vida proletária sempre fala de um outro, mas como

falar do outro, com que autoridade? Certa vez, Graciliano Ramos, e Carlos Lacerda deixaria registro disso em sua resenha sobre *Vidas Secas*:

Sobre S. Bernardo, Graciliano Ramos disse: que ainda não podia representar a vida do roceiro pobre porque “o caboclo é fechado”, se esquivava à observação, se faz impermeável ao contato”. (BUENO, 2006, p. 256)

## 2.1 A representação do outro no romance *A hora da Estrela de Clarice Lispector*

No romance *A Hora da Estrela*, tem-se a nordestina Macabéa como protagonista. Uma moça que apenas vive sem possuir consciência de existir. Essa percepção se constrói a partir da opinião do narrador Rodrigo, que será abordado mais adiante.

Macabéa perdeu seu elo com o mundo, que era sua tia, responsável por sua criação, assim viaja para o Rio de Janeiro, arranja um emprego como datilógrafa e, para passar o tempo, ouve a rádio relógio. Apaixona-se pelo metalúrgico também nordestino Olímpico de Jesus, que a trai com uma colega de trabalho chamada Glória. Desamparada, procura uma cartomante, que lhe prevê um futuro magnífico.

O narrador dessa história é um falso autor, Rodrigo S.M., criado por Clarice, mas mesmo assim há como percebê-la durante a narrativa. E é esse ponto que esse trabalho procura trabalhar a condição de Clarice, ou Rodrigo com Macabéa. Ele é intelectual, não possui características de Macabéa, não se identifica com ela, com essa nordestina. Há um drama vivido por Macabéa que o autor não consegue superar, narra a história e faz questionamentos sobre esse outro, gerando assim um confronto.

Cabe aqui abordar passagens do romance em que há essa deparação de Rodrigo com a personagem. Já no começo do romance ele questiona: “como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa” (Lispector, 1977, p.14). Ele ainda argumenta, dizendo que ninguém as nota, são substituíveis tão pouco existiram como não existirão. O narrador sente certa raiva dessa moça. Diz que ela deveria ter ficado no Sertão de Alagoas com vestido de chita, pois era ignorante por não ter estudos, mal sabia datilografar.

Tendo ele outra perspectiva, sempre se questiona durante o romance que Macabéa deveria se perguntar: quem sou eu? Se tivesse essa tolice ainda. Rodrigo a acha tola, pois até sorrir para um desconhecido ela o faz. No livro temos a fragilidade dessa moça em contraponto com a vida social que tem esse homem, ele afirma que tem mais dinheiro do que os que passam fome. O narrador achava uma história simples demais, contudo a narrativa mexeria com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto ele. A relação que ele parece ter com essa nordestina é tão forte, que ela está nele, como se ela não quisesse sair de seus ombros (Lispector, 1936, p. 20)

Diferente da vivência do narrador, Macabéa só vivia, expirando e inspirando. Por ora, parecia se sentir culpado por não fazer nada pela moça, mas não havia o que fazer. Rodrigo não tinha nada a ver com a moça, contudo tinha que se escrever todo através dela por entre espantos (LISPECTOR, 1936, p. 24) Parecia frustrado com a personagem, pois ela não reagia, e isso o incomodava, era obediente, para ela tudo estava bom. Ela não perguntava quem era, pois era assim, tinha que ser assim. (LISPECTOR, 1977, p.27)

Em partes, Rodrigo tinha admiração por ela: “Só eu a vejo encantadora. Só eu, seu autor, a amo. Sofro por ela”, ( LISPECTOR, 1977,p. 27) Macabéa não sabia quem era, só queria viver, pensava que a pessoa era obrigada a ser feliz, então era.

Por mais que o autor indigne-se com a história, com a personalidade dessa moça, ela está presa nele “eu não inventei essa moça, ela forçou dentro de mim, sua existência” (LISPECTOR,1977, p. 30).

Em muitas passagens o narrador parece não se identificar com ela. Diferente dela, paga suas contas de luz, água, telefone. Quanto a ela comprava até rosa com o salário. Macabéa não tinha consciência dele, mas ele tinha através dela, ela dava o grito de horror à vida, a vida que ama tanto. Tinha certa compaixão por ela, se pudesse faria algo, melhoraria as coisas ( LISPECTOR, 1936, p . 35)

Na página 36, ele volta a dizer que Macabéa nunca se perguntou quem era, não julgava ter direito, ela era um acaso e como ela, havia milhares. Rodrigo se compara a ela e diz que não é só um acaso por que escreve. Essa visão que tinha de Macabéa vai se construindo a cada página. Macabéa era dotada de sonhos e prazeres, recortava pôsteres

de jornais antigos. O narrador indaga, quando pensa que podia ter nascido ela. Tenta achar na vida da Nordestina algo de esplendor, algo significativo, tem esperança de encontrar algo.

Como foi comentado anteriormente Macabéa vivia mecanicamente, na sua rotina. Para o narrador era diferente a rotina o afastara das novidades. Parece ter compaixão por Macabéa, o que pode ser notado nas passagens da pág. 51:

Não chorava por causa da vida que levava: porque, não tendo conhecido outros modos de viver, aceitara que com ela era “ assim”. Ou chorava por outros modos de sentir, havia existências mais delicadas. Esses personagens possuem sonhos, mesmo sendo outro, no caso de Macabéa , queria ser artista de cinema. Gostava de filmes de terror e musicais, tinha predileção por mulher enforcada. Contudo ela era a própria suicida, mas não sabia. A vida para ela era insossa, que nem pão velho sem manteiga. (LISPECTOR, 1977,p.51)

Rodrigo tinha certo cuidado por Macabéa, que pode ser observado na passagem: “Ah pudesse eu pegar Macabéa, dar-lhe um bom banho, um prato de sopa quente, um beijo na testa enquanto a cobria com um cobertor. E fazer que quando ela acordasse encontrasse simplesmente o grande luxo de viver”. ( LISPECTOR, 1977,p.56).

Observa-se como foi dito anteriormente que Macabéa quando é deixada por Olímpio não sentia tristeza, pois era crônica, achava que a tristeza era coisa de rico de quem não tem o que fazer, era luxo. Macabéa era vazia, não gostava de pensar em nada, era quase impessoal, gostava de ver o tempo passar, não tinha relógio. Sua conexão com o mundo era a sua amiga Glória, Olímpico seu suposto namorado e seu Raimundo seu chefe. Macabéa se sentia insignificante no mundo, pois quando vai à casa de Glória percebe que até telefone tinha. Nesse momento viu que não tinha lugar para ela no mundo.

Em meio às narrativas, Rodrigo afirma que é apaixonado por Macabéa (p. 68) “Sim, estou apaixonado por Macabéa, a minha querida Maca, apaixonado pela sua feiura e anonimato total pois ela não é para ninguém”.Macabéa , na visão do narrador, não tinha consciência de si e não reclamava de nada, até pensava que era feliz, não prestava atenção em si, ela não sabia.

O narrador, no decorrer da história, diz que está cansado de literatura, diz que o pecado a fascina, pensa então no sexo de Macabéa e conclui que seu sexo era a única marca veemente de sua existência. Clarice estava cansada da presença de Macabéa, de Glória e de Olímpico. Contudo, após três dias, sente falta de Macabéa, pois a moça estava nela. No romance o narrador insiste em dizer algumas vezes, que só escreve o romance por desabafo ou porque não tinha mais nada a fazer a não ser esperar pela morte.

No fim da narrativa, depois de consultar a cartomante, deu um beijo nela, e percebeu que sua vida estava melhorando ali mesmo, que era bom beijar. Macabéa viu que sua vida era uma miséria, julgava que era feliz. “Se ela era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho”. (p.79) Quando Macabéa é atropelada nota-se a existência, as pessoas a observavam sem nada a fazer, mas pelo menos a notavam. Rodrigo sabendo que a vida de Macabéa fora um desastre afirma: “todas as vidas são uma arte e dela tendia para o grande claro insopitável como chuva e raios”. Acredita que Macabéa precisava morrer, ela poderia simplesmente mata-la mas vai além. Quando estava quase morrendo parecia sensual, ou será que a morte traz essa sensação? Na morte passava de virgem a mulher. Tinha ânsia de viver, pois só agora entendia que o destino de uma mulher é ser mulher.

Macabéa morre, o narrador se sente culpado, logo sente alegria, percebe que a morte é um encontro consigo. Para ele a morte é insuficiente. Não o completa, morrendo Macabéa acaba por matá-lo. Ela estava livre, e ele acaba de morrer com ela, pois morrer para ele é um instante. Ela morreu num instante, não passava de uma caixinha de música desafinada.

Observa-se que, de alguma maneira, o narrador se identificava com a personagem, pois como foi dito no início do texto, ela era uma pessoa inteira que estava tão viva quanto ele, tentou representar esse “outro” e sua função na sociedade, por hora questionava Macabéa a achava tola demais, simples, enfim vazia como muitas o são, por outro lado vibrava com ela, tinha compaixão e até um tipo de amor pela maneira, parecia encontrar-se nela e no desfecho parece morrer com ela.

No romance *A Hora da Estrela*, tem-se a aproximação entre o intelectual e o povo no Brasil. Na obra o meio de chegar à protagonista é através do seu narrador, uma

vez que não é dado voz aos protagonistas “elas são descritas e faladas, nordestinas pardas, feias, inaptas, miseráveis” (CAMPELLO, 2003, p.138) e anônimas.

O narrador cria sua identidade e dessemelhanças entre eles (criador e criatura) se instigam. A palavra é quem estabelece a distância entre o intelectual e a massa (CAMPELLO, 2003, p. 157).

O estudo aqui necessita de suporte teórico para isso recorre-se aos estudos de Suzi Sperber (1983), segundo a autora, o romance *A hora da Estrela* aborda temas voltados para a pobreza, fome, doença e morte violenta.

Macabéa tem apenas um contato com o mundo, que é a sua rádio relógio, pois sua carência é extrema pela ausência de pai e mãe, contudo ela é uma alienada no mundo, a jovem é feia, é burra, por mais que seja assim não chama a atenção, pois ninguém a percebe. É nordestina, mas mora no Rio de Janeiro. Macabéa reunia em si a pobreza econômica, física, alimentar e intelectual, de saúde, de costumes, de lazer, sempre segundo os padrões dominantes. (SPERBER, 1983, p.155).

No contexto de miséria humana tudo era luxo para Macabéa, até sua tristeza, pois para ela tristeza era coisa de rico de quem não tinha o que fazer.

No romance, Macabéa tinha suas indagações e estas eram feitas para Olímpico, perguntava coisas que queria saber, para se entender, contudo para essas indagações eram vistas como sinais de fraqueza. Não era inocente, por mais que fosse vítima do mundo, sua ambição seria seu desejo de vingança, enquanto Macabéa era inocente e humilde: “acho que não preciso vencer na vida” (LISPECTOR, 1977, p. 60).

Segundo Sperber (1983), Macabéa não contém respostas a seus questionamentos, o que a faz reflorescer como ser humana é seu atropelamento por uma Mercedes. Como foi dito há um encontro consigo mesma, ali ela sente, percebe e se encontra, exprimindo sua relação com o mundo. As personagens de Clarice são dotadas dessas características o que pode ser observado em “A quinta História” do livro *Felicidade Clandestina*, (1975). As personagens em Clarice podem ir da alegria à morte física, as personagens re-nascem aos olhos eventualmente atônitos e culpados do leitor. (SPERBER, 1983, p.156).

A moça alagoana pode ser resumida em: perda, vazio, ela é oca, ela é a falta, seu vazio é um fato, Sperber apud Portella (1983), Macabéa reunia características de pobreza, radical, externa e internamente. Macabéa de certa forma ambicionou logo o outro, possuía sonhos, gostaria de se sentir alguém. Porém essas personagens são desligadas do mundo, e não possuem recordações do passado, nem do presente social, nem do futuro. Não possuem histórias, a história de Macabéa somente surge com a morte.

Macabéa vive em sua vidinha corriqueira e acredita que é feliz daquele jeito, pois parece encantada com a vida que tem, como num casulo, contudo em seu interior sabe que vive pra nada, possuía pensamentos soltos, por mais que vivesse à toa tinha liberdade interior.

A partir do pensamento de Sperber (1983), a tarefa de Clarice ao lidar com suas personagens, está relacionado a um enfoque engajado de esquerda, pois são indivíduos que vivem numa miséria opressora, opressiva e alienadora, personagens sem papel na história da classe dos dominantes e nas histórias de luta de classe.

Clarice Lispector apresenta a estrutura interna do ser humano – massacrado, assim ela questiona o mundo organizado e a cultura dominante, resgatando do preconceito os ofendidos e humilhados. Esta é uma forma de resistência – dos considerados idiotas, imprestáveis, feios, inúteis, e que não o são. (SPERBER, 1983, p.160).

Na maior parte das narrativas de Clarice, é necessário desaprender os valores do mundo burguês e urbano. Aí podemos abordar sobre o outro que pode ser vista numa passagem de *Água Viva*: “Preste atenção e é um favor: estou convidando você para mudar-se para o reino novo”. (Lispector, 1978 ,p.58). De acordo com as palavras de Sperber (1983), essa questão está relacionada com o processo de interpenetração entre o eu e o outro, entre o eu e as coisas, entre gerado e gerador, de forma cíclica e reversível, de modo a dignificar a si e ao outro, em um profundo nível de via psicológica: “ Não, eu não descrevi o espelho – eu fui ele” ( LISPECTOR, 1978, p.81).

Acredita-se que no caso de Macabéa houve o processo de uma nova ordem, ou seja, seu passado e presente foram reintegrados a partir do momento de sua morte, ali



ocorreu um encontro com sua identidade e que está sustentada entre seu passado e futuro, num encontro consigo mesma.

Cabe dizer que os discursos de Clarice contam histórias, e que possuem uma dádiva, não percebida em outros escritores, pois ela revela seus caminhos mais íntimos psíquicos, diretamente sem cálculo, nem proteção.

Sperber (1983) tematiza que somos nós leitores, que, diante da introspecção das personagens de Clarice, que se buscam, inconscientes, ingênuas de uma ordem social que as “sanea”, temos dificuldade de leitura próxima ao engulho, responsáveis, que somos, por nós mesmos e pelos abomináveis em geral, que, se não são conscientes e batalhadores, preferiríamos exterminar.

Em *A hora da estrela*, emerge o sentimento de culpa e de responsabilidade de antes do começo e para depois do fim. Sente-se a surpresa da identidade possível entre o outro e o eu, o que pode confundir. Será que o final foi bastante grandioso para a necessidade que se tinha? O sentimento de culpa, corresponde ao ódio pela responsabilidade que recai sobre quem observa o indivíduo inconsciente de sua miséria, é a defesa de si mesmo por parte dos leitores, que quer fugir da responsabilidade que cai sobre ele.

Há também na narrativa outro ponto de vista a ser observado. É a descrição da personagem oprimida desprezível, abominável, e por fim o temor da narrativa, que na busca de clareza correria o risco de ser piegas, trivial, ou mantendo-se popular. E por fim, há um quarto elemento, refere-se a um instante e ao de dentro da personagem, que, mesmo em uma condição desprezível e mesmo que seja árduo saber disso, tem a sua *Hora da Estrela*. ( SPERBER, 1983, p. 164).

## 2.2 O romance *Angústia* e *A hora da estrela* ( um paralelo entre as obras)

Primeiramente há uma diferença em relação ao tempo em que foram escritas as duas obras. *Angústia* faz parte da década de 30, em que o regionalismo trabalhava com os problemas de seu tempo, o projeto de um Graciliano Ramos, em *Vidas Secas* e em toda a sua obra, apesar de também regionalista, não poderia ser mais diferente. Em *Vidas Secas*, não existe idealização alguma, nem do passado, nem do presente e nem do

futuro. Para Graciliano, nunca houve o nordeste harmonioso, amoroso e ordeiro. Nem mesmo os heróis são vistos com simpatia. Fabiano e sua família são mostrados como não mais que bichos, tão vitimizados pelo sistema ao ponto de já mal conseguirem dominar a língua ou articular palavras e pensamentos. As autoridades, quando são mostradas, soldados e fazendeiros, são irredimivelmente vis e mesquinhas. O romance não oferece nenhuma esperança para nenhum deles. *Vidas Secas* é só denúncia, do começo ao fim. A esperança, se existe, é como um ponto-de-fuga: está fora do romance, mas todas as linhas levam a ele; a esperança reside no aumento de consciência e desalienação do leitor. Em comparação ao regionalismo conservador nostálgico, pode-se chamar essa outra vertente de regionalismo socialista de denúncia. Mesmo quando não mencionado ou aludido, o seu foco é sempre o futuro: a literatura é um chamado para mudanças sociais ou revolucionárias que possam , alterar o cruel estado de coisas que ela denuncia. Já *A hora da Estrela* foi elaborada em meados de 1970, Clarice adota discurso regionalista, algo incomum em suas obras, alia sua linguagem à vertente regionalista da segunda geração do modernismo brasileiro. Segundo, a autora, Macabéa a inspira na sua infância no nordeste brasileiro, além de uma visita ao aterro onde os nordestinos se reuniam em São Cristovão. Ela diz que foi nesse aterro que ela recuperou o ar meio perdido do nordestino na cidade do Rio de Janeiro.

Em *Angústia* o personagem Luís é um ser que se sente excluído da sociedade, contudo é diferente de Macabéa de *A hora da Estrela*, pois ele tem consciência das coisas, e além disso é intelectual e observador, vive em uma sociedade e tem uma posição oposta a dela, porém possui questões emocionais não resolvidas como a repreensão sexual, a questão da paternidade, que pode ser lembrado da questão do Édipo (freudiano), e além disso passa a vida toda inserido numa sociedade a qual vive constantemente uma depressão, tentando achar seu lugar naquele meio, se excluía do mundo, de casa : “afinal, para a minha história, o quintal vale mais que a casa. Era ali, debaixo da mangueira, que de volta da repartição, me sentava todas as tardes, com um livro”. (*Angústia*, Graciliano Ramos, p. 38). Luís, tentava encontrar sua própria identidade e como foi visto, a encontrou durante o ato do crime, ou seja na morte, semelhança que pode ser feita com a personagem Macabéa, foi na morte que ela, segundo Rodrigo, se deu conta de sua existência: “Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci”. (*A hora da estrela*, Clarice Lispector, p. 80) Mais adiante,

Macabéa parece encontrar-se a si mesma: “Enquanto isso, Macabéa no chão parecia se tornar cada vez mais uma Macabéa, como se chegasse a si mesma” (LISPECTOR,p.82)

Macabéa, no entanto, é diferente de Luís, pois ela não pertence a uma classe igual a dele, é apenas uma nordestina datilografa, que gosta de hot dog e coca-cola, e que segundo seu narrador não percebe sua própria identidade, é alguém sozinha no mundo, que vive por viver, que acha que deve ser feliz porque foi imposto isso, vive apenas, mas não projeta o futuro, não observa os outros, somente seu narrador a observa e tira conclusões a respeito dela, pois ele se encontra em alguns momentos nela.

São personagens, que fazem parte do regionalismo, o qual procura entender essa questão do outro, voltando-se para os estereótipos, entende-se aqui o lugar desse outro dentro de uma sociedade, personagens como Macabéa, uma simples nordestina que tenta ganhar a vida na cidade, mas que muitos não se dão conta de sua existência, nem a própria. Luís também traz marcas regionalistas, busca de certa forma seu lugar no mundo urbano, mas se sente inferior aos outros.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui pretendeu analisar duas obras de origem regionalistas *Angústia* e *A hora da Estrela*, tendo como autores Graciliano Ramos e Clarice Lispector, a importância dessa pesquisa foi buscar nesses romances personagens que possuíam estereótipos regionalistas voltados para a representação deles dentro da sociedade a qual convivem com outros indivíduos e como são notados por eles.

Buscou perceber na obra de Graciliano Ramos *Angústia* o nordestino, e seu processo de desenvolvimento dentro de uma sociedade observada como burguesa, e qual foi o papel da figura nordestina dentro desse meio, como age diante de situações que envolvem problemas do passado e do presente e como a personagem lidou com seus medos interiores para que pudesse demonstrar de alguma forma seu papel no meio que está inserido, buscou na obra de Clarice Lispector a posição do narrador Rodrigo diante da personagem Macabéa e seu ponto de vista em relação a figura da nordestina q venho de Alagoas para tentar a sorte no Rio de Janeiro e a compara com outras moças que possuem uma vida semelhante a dela, contudo Macabéa parecia ser diferente delas, possuía sonhos e mesmo o narrador tendo um posicionamento que ela apenas vivia e era feliz porque tinha que ser assim, e que não possuía consciência de sua própria existência, Macabéa poderia sim ter consciência, pois a maneira de agir pode ter sido despertado na sua infância na cidade onde nasceu, originado tais características no nordeste, sendo assim Macabéa tinha ciência de sua existência, contudo diferente do que Rodrigo imaginava a respeito dela.

Procurou fazer uma análise para que houvesse um entendimento do outro tendo como suporte estudioso bem como Luís Bueno, Fernando Gil, Lúcia Helena e Suzi Sperber. Pode ser concluído que tanto *Angústia* quanto *A Hora da estrela*, são romances que trabalham com a representação do outro e como ele é visto na sociedade e afirmar que mesmo essas personagens vindo do nordeste são carregadas de valores, são indivíduos como os outros, que buscam um encontro consigo mesmo e com a afirmação dos outros diante de si. Pode ser considerado que essas personagens procuram constantemente no outro a sua identidade. Tanto no romance *Angústia*, quanto no romance *A hora da estrela* trabalharam com a questão da morte, Luís da Silva encontrou sua verdadeira essência no momento do assassinato de Tavares, assim como

Macabéa que se sentiu mais viva no momento de sua morte, ali ela descobriu quem era e seu lugar no mundo.

## REFERÊNCIAS

BOSI, ALFREDO. **Céu, Inferno: Ensaio de crítica literária e ideológica**. S.P. Ática, 1988.

BUENO, LUIS. **Uma história do romance de 30**, 2006.

CAMPELLO, ELIANE. **Clarice sem fronteiras**, 2003.

CARVALHO, LÚCIA. **A ponta do Novelo**, São Paulo, Ática, 1983.

GIL, FERNANDO. **O romance da urbanização**. Porto Alegre, 1999.

LISPECTOR CLARICE. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro, Rocco, 1977.

MARIA LUCILIA. **Clarice Lispector: imagem, vida e obra, Estudos Avançados**, 2008.

RAMOS, GRACILIANO. **Angústia**. Rio de Janeiro, São Paulo. Record, 1936.

SPERBER SUZI. **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

PIZARRO, ANA. **Velha praga? Regionalismo literário brasileiro**, 1994.

